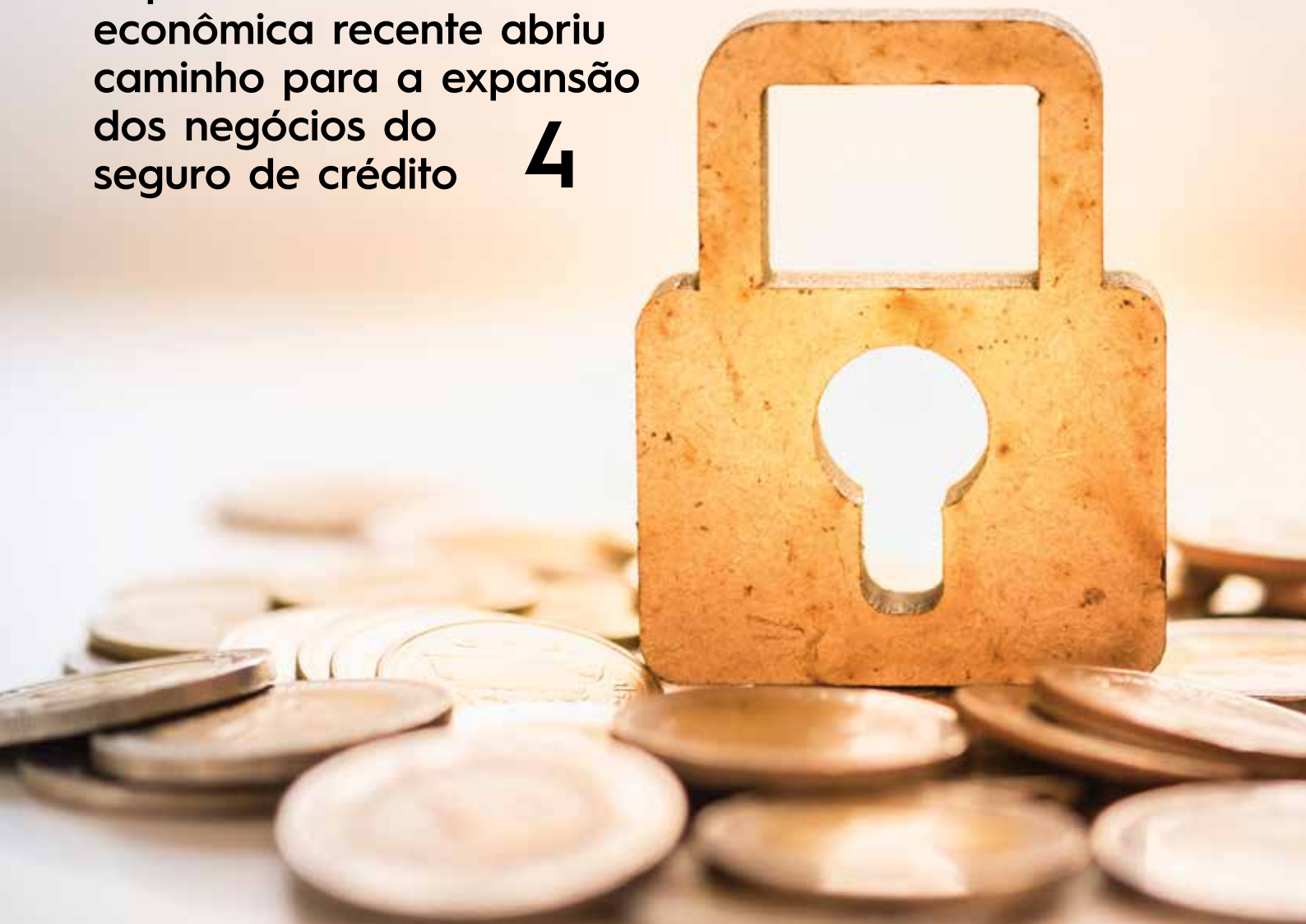


Crescendo em meio à crise financeira

O período de recessão econômica recente abriu caminho para a expansão dos negócios do seguro de crédito **4**



Os planos do novo CEO da Mapfre para o Brasil

Fernando Pérez-Serrabona chega com otimismo ao país

5

Efetivado na ANS, Leandro Fonseca da Silva fala sobre o futuro do setor

Dirigente vê como desafio envelhecimento da população

6

Trânsito seguro na agenda do Sindseg SP

Sindicato realiza evento sobre mobilidade urbana e é premiado por Maio Amarelo

3

UMA EDIÇÃO COM A TRAJETÓRIA DO SEGURO DE CRÉDITO E OS PLANOS DOS LÍDERES DA ANS E DA MAPFRE

É muito comum ouvir que a palavra “crise” em chinês é escrita com os ideogramas correspondentes a “perigo” e “oportunidade”. Há contestações a essa informação. Mas o fato é que, no dia a dia dos negócios, encontramos com frequência ótimos exemplos de empresas ou setores que transformaram crises em excelentes oportunidades de crescimento. No setor segurador, tivemos o exemplo recente do segmento de seguro de crédito, tema da reportagem da página 4, destacado também na capa desta edição. A reportagem mostra que, sob o cenário desolador da forte crise financeira que atravessamos em 2015 e 2016, que levou o país a um longo período recessivo, o setor de seguro de crédito encontrou caminhos para expandir os seus negócios e transformar-se em ferramenta importante para as empresas.

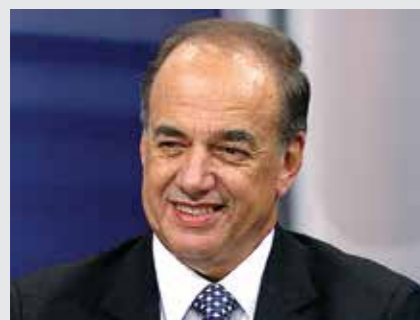
Essa edição traz, ainda, entrevistas exclusivas com dois líderes de grande importância, que apresentam em nossas páginas os seus planos e expectativas. Nas páginas 6 e 7, publicamos entrevista com o diretor-presidente da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), Leandro Fonseca da Silva. Efetivado no cargo em maio último, mas com uma participação importante nas decisões do órgão regulador do segmento de saúde suplementar já há muitos anos, Silva faz um balanço das iniciativas recentes da ANS e apresenta as expectativas para a sua gestão.

Na página 5, publicamos nossa conversa com o espanhol Fernando Pérez-Serrabona, que desembarcou no país em janeiro para assumir o cargo de CEO da Área Regional Brasil da Mapfre. Serrabona chega em um momento importante, após a reestruturação da parceria entre a Mapfre e o Banco do Brasil. Entre outros pontos abordados na entrevista, Pérez-Serrabona comenta a importância do mercado brasileiro para a seguradora e demonstra o seu otimismo em relação aos negócios no país.

Nesta edição, mostramos ainda, na página 3, nova iniciativa do Sindseg SP voltada para a discussão da segurança no trânsito. Em parceria com o Observatório Nacional de Segurança Viária, organizamos o 1º Seminário de Mobilidade Humana Segura e Sustentável, realizado em São Paulo. No evento, reunimos autoridades, especialistas e executivos de empresas, entre elas alguns dos novos negócios disruptivos de transporte e entregas, para discutir formas de convivência segura entre os diferentes modais nas ruas da capital paulista.

Na mesma página, registramos o reconhecimento obtido pelo Sindseg SP por sua ativa participação no Maio Amarelo, mês em que dedicamos esforços à conscientização da população de São Paulo e dos principais paulistas sobre a importância do trânsito seguro.

Boa leitura!



“Esta edição destaca o compromisso do Sindseg SP com a luta por um trânsito mais seguro, com nossa participação na organização do 1º Seminário de Mobilidade Humana Segura e Sustentável, realizado em São Paulo. E também mostra o reconhecimento por essa luta, por meio de mais um Prêmio Destaque Maio Amarelo”

MAURO BATISTA
PRESIDENTE DO SINDSEG SP

EXPEDIENTE

Sindseg SP Notícias é uma publicação do Sindicato das Empresas de Seguros, Resseguros e Capitalização do Estado de São Paulo. **Presidente:** Mauro Batista. **Diretor Executivo:** Fernando Simões. **Produção:** Néctar Comunicação Corporativa. **Jornalista responsável:** Eugênio Melloni (MTB 19.590). **Redação e edição:** Eugênio Melloni. **Fotos:** Divulgação

SEGURO EM TODO O ESTADO CULTURA DO SEGURO

BAURU RECEBERÁ O PROJETO SEGURO EM TODO O ESTADO

A cidade de Bauru receberá, em 12 de agosto, o projeto Seguro em Todo o Estado, desenvolvido em parceria pelo Sindseg SP e pelo Sincor-SP, que tem como objetivo disseminar a importância do seguro para sociedade e o seu impacto positivo no desenvolvimento do país nos principais municípios do Estado de São Paulo. O evento, que contará com o apoio da Prefeitura de Bauru e do Sebrae, terá como palco o Salão Zion, localizado no Jardim América, onde se reunirão representantes da sociedade local.

Realizado por meio de parceria com o Sincor-SP, o Projeto Seguro em Todo o Estado é uma das frentes do Programa Cultura do Seguro, que tem como objetivo disseminar a importância do seguro para diferentes públicos. O projeto foi lançado em 2008, consistindo na realização de reuniões com autoridades, empresários, formadores de opinião e representantes do setor segurador dos principais municípios paulistas, nas quais são difundidas, por meio de palestras, informações sobre a positividade dos seguros. Desde sua criação, o Seguro em Todo o Estado já foi realizado em 21 municípios.

No ano passado, foram realizados dois eventos, nas cidades de Ribeirão Preto e Campinas. Nas duas cidades, os convidados assistiram a palestra “Do Brasil que temos ao Brasil que queremos”, ministrada pelo professor, antropólogo e consultor de empresas Luiz Marins.



Mauro Batista (no centro, de preto) e Fernando Simões (à sua direita): mais um evento voltado para a segurança no trânsito



SINAL VERDE PARA A SEGURANÇA NO TRÂNSITO

Sindseg SP amplia ações com organização de seminário de mobilidade urbana e recebe, mais uma vez, prêmio por sua participação no Maio Amarelo

O Sindseg SP ampliou, em maio último, o seu repertório de iniciativas voltadas para a promoção de um trânsito seguro. Em parceria com o Observatório Nacional de Segurança Viária, o Sindicato realizou o 1º Seminário de Mobilidade Humana Segura e Sustentável, em São Paulo, reunindo autoridades, especialistas em segurança no trânsito e executivos de empresas para debater a convivência entre as mobilidades micro e macro visando a construção de um trânsito cada vez mais seguro.

O presidente do Sindseg SP, Mauro Batista, destacou, na abertura do evento, que para o setor segurador a questão da educação para um trânsito seguro tem se destacado em meio a tantas pautas. “Educação incita o respeito, atitude essencial para o que buscamos construir com o apoio de entidades públicas e privadas: um trânsito seguro, com modais modernos, regras de convivência e indivíduos conscientes”, declarou o presidente do sindicato.

Ele citou como exemplo da necessidade de regras e educação para a convivência de diferentes modais a chegada do patinete elétrico a São Paulo. Considerados um meio de transporte limpo e capaz de proporcionar deslocamento rápido, atributos muito bem-vindos nas grandes metrôpo-

les, os patinetes chegam para disputar espaços com bicicletas, automóveis, motos e pedestres – o que, na opinião de Batista, exige uma reflexão mais profunda em que deve pesar a questão da segurança.

O presidente do Observatório Nacional de Segurança Viária, José Aurélio Ramalho, que coordenou o evento, também destacou a convivência entre os modais em outras partes do mundo. Segundo Ramalho, em cidades como Lisboa, a conscientização da população é a palavra-chave para permitir a coexistência de diferentes meios de locomoção.

Também participaram dos debates o deputado federal e presidente da Comissão de Viação e Transportes da Câmara dos Deputados, Eli Corrêa Filho; o deputado estadual Bruno Ganem; o vereador de São Paulo José Police Neto; o assessor técnico da Secretaria de Mobilidade e Transportes da Cidade de São Paulo, Luiz Nakama; o secretário municipal da Pessoa com Deficiência, Cid Torquato; o vice-presidente da Paulista Viva, Antônio Carlos Franchini Ribeiro; e representantes de empresas como Loggi, Waze Carpool, Tembici e iFood.

PREMIAÇÃO

O Sindseg SP foi agraciado, pelo terceiro ano consecutivo, com o Prêmio Destaque Maio Amarelo, em reconhecimento às

ações realizadas em prol do Movimento Maio Amarelo. A cerimônia de premiação foi realizada em 28 de junho, no auditório da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte (FIERN), em Natal (RN). Receberam o prêmio o presidente do Sindseg SP, Mauro Batista, e o diretor-executivo do Sindicato, Fernando Simões.

“Apoiamos este Movimento há cinco anos, pois sabemos da importância desta mobilização para o nosso país. Precisamos nos unir, sociedade, iniciativa privada, entidades e instituições, para combater esta situação tão triste que acometeu nosso trânsito”, destacou Batista. Ele acrescenta que o país perde cerca de 140 pessoas por dia, vítimas da brutalidade do dia a dia das nossas ruas e estradas, além dos que ficam com sequelas permanentes. “Entendemos o valor da educação e da conscientização para cessar essa situação. Por isso, é fundamental que as ações ultrapassem este mês, pois o Maio Amarelo passou, mas a luta pela vida continua”, afirma o presidente do Sindseg SP.

A cerimônia de premiação contou com a participação do prefeito de Natal, Álvaro Costa Dias, de representantes de diversos órgãos públicos de todo o país e de importantes autoridades do setor de Trânsito e Mobilidade Urbana.

CRISE FINANCEIRA GEROU OPORTUNIDADES

Em meio à recessão econômica vivenciada pelo país, o segmento ganhou espaço significativo entre as empresas. Mas há ainda muito potencial a ser aproveitado

A crise econômica que o Brasil enfrenta desde meados de 2014 afeta a indústria nacional, que se viu imersa em uma longa recessão. A contração da economia foi de cerca de 3,8% em 2015 e 3,6% em 2016, promovendo um crescimento de 55% no número de recuperações judiciais em 2015; em 2016, houve novo aumento de recuperações judiciais, de cerca de 45%.

Esses números vêm facilmente à memória dos executivos que atuam com o seguro de crédito no país. “Muitas empresas venderam para outras empresas, deram prazos de pagamento e, quando chegou na data estabelecida, essas empresas não tinham como honrar o serviço da dívida porque entraram em recuperação judicial ou porque tiveram problemas com o fluxo de caixa”, lembrou Marcelo Lemos, presidente da Coface, em entrevista ao Panorama do Seguro, programa que tem o setor segurador como foco, veiculado em canal específico do Youtube e no site do Sindseg SP.

Com o seu dia a dia dedicado a lidar com o crédito e, portanto, com o risco da inadimplência, as seguradoras que atuam nesse ramo viram a sinistralidade chegar a 133% em 2016, no auge da crise. Mas em 2016 também se deu um fato alentador para esse segmento. Houve, naquele ano, um crescimento de 19% do mercado de seguro de crédito, ante a expansão de 11% observada no ano anterior. Para os executivos do setor, a explicação para o que parece ser um paradoxo é simples: deu-se a materialização, nos negócios, da máxima de que a crise gera oportunidades. “No momento de crise, em que as empresas têm muitas perdas, o executivo começa a mudar a percepção de risco. Ele sabe que precisa continuar vendendo, mas precisa de uma proteção. Isso leva as empresas a buscarem ferramentas de proteção no mercado”, explicou Marcelo Lemos.

Desde então, o mercado de seguros de crédito segue em expansão. Em 2018,

esse nicho apresentou um crescimento mais substancial, de 32% - um claro indicativo de que as empresas brasileiras mudaram sua percepção em relação ao risco.

Apesar do crescimento, entretanto, o seguro de crédito ainda apresenta uma baixa distribuição, considerando-se o seu potencial. Com o objetivo de identificar as razões que fazem com que o seguro de crédito não seja plenamente utilizado no mercado brasileiro, a Academia Nacional de Seguros e Previdência (ANSP) está realizando uma pesquisa junto a empresas e operadores do mercado. De acordo com o diretor da ANSP e sócio-diretor da River Consultores Associados, Rogério Vergara, no Brasil o volume de prêmios neste produto oscila entre R\$ 350 milhões e R\$ 490 milhões, com uma participação pouco representativa em relação ao volume total de prêmios registrado no mercado mundial - entre 6 bilhões e 7 bilhões de euros, de acordo com a International Credit Insurance & Surety Association (ICISA).

A pesquisa ainda não foi concluída. Rogério Vergara, no entanto, acredita que um obstáculo para uma maior utilização do seguro de crédito como instrumento mitigador de riscos para as empresas esteja na forma como operam as seguradoras em períodos de crise financeira. Vergara explica que nesses períodos, ou em momentos em que há prenúncio de crise, é comum seguradoras que operam com o produto cancelarem os limites nas carteiras, em função do perfil de risco que determinados clientes podem apresentar. “Ou seja, em um momento em que a empresa mais precisa do produto ativo, que é o momento de risco efetivo, as seguradoras começam a cancelar os limites de crédito”, explica Vergara.

Segundo o diretor na ANSP, esse modus operandi pode ser visto pelos segurados negativamente, como se as seguradoras mantivessem os limites de crédito na “bonança e os retirassem na tempe-

tade”, provocando grande ceticismo em relação ao produto. A característica operacional, explica, é muito bem vista e de fácil aceitação em mercados nos quais as empresas contratam o seguro em função dos serviços associados. Um desses serviços é o monitoramento da carteira de crédito ativa, isto é, a seguradora atua como gestora de riscos e orienta o segurado (empresa vendedora) a cancelar limites de crédito ou reduzir as vendas aos clientes que apresentem maior probabilidade de inadimplência.

Vergara explica que, em países em que o seguro de crédito é mais difundido, ocorre uma maior oferta de diferentes perfis de produto. “Há criatividade no produto de crédito, mas essa criatividade não é presente no mercado brasileiro”, compara Vergara. No mercado internacional, o seguro de crédito possui diversos produtos aplicáveis a diversos perfis de empresas com grande grau de liberdade aos segurados, diz ele.

O diretor da ANSP lembra que os países com o mercado de seguros de crédito mais desenvolvido enfrentaram um período de recessão entre os anos de 2008 e 2009, o que afetou muitas empresas. “É natural que nessas situações ocorra uma restrição à concessão de novos limites, uma restrição à manutenção de limites ativos. Mas não se fecha a carteira”, acrescenta.

Mas como vencer, então, os obstáculos para que o seguro de crédito tenha maior penetração no mercado brasileiro? Para Vergara, a palavra-chave para isso é criatividade. Com o auxílio de novas tecnologias, é possível encontrar diferentes formas de abordar o risco. O data mining, por exemplo, pode contribuir para que se compreenda melhor a situação do cliente, diz Vergara. “Aumentando a arrecadação de prêmio, o volume de negócios no Brasil passa a ser mais relevante no mercado mundial”, afirmou.

OS PLANOS DA MAPFRE APÓS A REESTRUTURAÇÃO

O espanhol Fernando Pérez-Serrabona, que assumiu em janeiro o cargo de CEO da Área Regional Brasil, está otimista com o potencial da indústria seguradora no país



FERNANDO PÉREZ-SERRABONA
CEO DA ÁREA REGIONAL
BRASIL DA MAPFRE

Um estudo realizado pela Mapfre com 96 países apontou o Brasil entre os dez com maior potencial para o desenvolvimento da indústria seguradora.

Em janeiro deste ano, o espanhol Fernando Pérez-Serrabona desembarcou no país com a missão de comandar a seguradora e transformar esse potencial em negócios concretos. Pérez-Serrabona foi nomeado pela matriz CEO da Área Regional Brasil, depois de concluído o processo de reestruturação da parceria com o Banco do Brasil. A seguir, o executivo fala sobre os planos de sua gestão:

NOTÍCIAS SINDSEG SP - Quais são as suas metas e planos para este primeiro ano de gestão dos negócios da Mapfre no Brasil?

FERNANDO PÉREZ-SERRABONA - O Brasil é um dos dez mercados com maior potencial de crescimento para a indústria de seguros, considerando o Índice Global de Potencial Segurador (GIP) produzido pela área de Serviços de Estudos da Mapfre neste ano. É também o segundo país em importância para a Mapfre. Somando-se a isso a nossa expectativa de recuperação da atividade econômica no país, estamos bastante otimistas quanto ao crescimento do mercado neste ano. É importante considerar também que a participação do Brasil no mercado segurador global total vem aumentando de forma constante nos últimos anos e se torna cada vez mais relevante, graças às reformas regulatórias e programas de incentivo à cultura do seguro. Diante disso, enxergamos uma grande oportunidade de crescimento, já que o mercado interno ainda não alcançou sua maturidade, como observado em regiões como os Estados Unidos e Europa. As projeções de crescimento real do PIB levantadas pela equipe da Mapfre Investimentos apontam para um crescimento na ordem de 1%, em 2019. As previsões são sustentadas, principalmente, pela recuperação no consumo privado e nos investimentos e nas reformas tributárias que possam garantir o equilíbrio das contas públicas.

NS - Quais são os segmentos da indústria dos seguros que deverão merecer maior atenção da MAPFRE neste ano?

FERNANDO PÉREZ-SERRABONA - Em 2019, acreditamos que o ambiente brasileiro seguirá favorável em todas as modalidades de seguros, incluindo Vida e Patrimoniais. No Índice Global de Potencial Segurador (GIP) foi apontada uma projeção para o seg-

mento não-Vida no Brasil, de crescimento nominal (sem descontar a inflação) em torno de 10,7% neste ano.

NS - A Mapfre passa por um momento de reestruturação no Brasil. Quais são as iniciativas que estão sendo adotadas com esse objetivo?

FERNANDO PÉREZ-SERRABONA - Com a nova estrutura de atuação no Brasil, a Mapfre opera em três grandes áreas: Seguros, Assistência e Serviços Financeiros - Investimentos, Previdência, Capitalização e Consórcios. Estamos confiantes de que a recuperação econômica, amparada por reformas, devem impulsionar o desenvolvimento de nossos negócios em todas as suas frentes. Para isso aumentamos nossos canais de venda, investimos na relação e capacitação de nossos corretores e na melhoria contínua de processos internos.

NS - O setor passa por uma grande transformação, provocada por novas tecnologias e por mudanças nas demandas do consumidor. Quais são as iniciativas a serem adotadas pela empresa nessa frente?

FERNANDO PÉREZ-SERRABONA - A Mapfre tem um programa global de inovação e transformação digital. O Mapfre Open Innovation atua nas frentes de Inovação Estratégica e Inovação Disruptiva. Com foco no cliente e na rentabilidade do negócio, a estratégia busca tornar a organização mais dinâmica, ágil e eficiente, por meio de colaborações internas e externas. Desta forma, aprimoramos nossas soluções e nos tornamos cada vez mais adaptáveis e aderentes às reais necessidades de cada perfil consumidor.

NS - A Mapfre fez um estudo com 96 países mostrando que o Brasil é um dos dez mercados com maior potencial de crescimento na indústria de seguros. Na sua visão, o que é necessário para que esse potencial seja transformado em realidade?

FERNANDO PÉREZ-SERRABONA - O principal é difundir a importância do seguro na vida prática das pessoas - o que chamamos de cultura do seguro. Essa mudança passa por tornar os benefícios de cada produto mais tangíveis e acessíveis, dando a liberdade ao cliente de, por exemplo, adaptar as coberturas oferecidas à sua realidade, o que aumenta o valor percebido das soluções oferecidas pela Mapfre.

SOB A MESMA ADMINISTRAÇÃO

Efetivado no cargo de diretor-presidente da ANS, Leandro Fonseca da Silva prevê a continuidade de um trabalho focado em proporcionar maior valor em saúde aos beneficiários

Leandro Fonseca da Silva foi nomeado, em 10 de maio último, diretor-presidente da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS). Com o ato, Silva foi efetivado no cargo, após um período de interinidade de cerca de dois anos. A nomeação coroou, ainda, uma longa atuação de Silva pela ANS: o atual diretor-presidente, que é servidor de carreira do antigo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (parta, atualmente, do Ministério da Economia), está na agência desde 2010, o que permitiu que participasse, por meio do colegiado de diretores da Agência, da evolução recente da regulação do setor de saúde suplementar. Para a sua gestão, Silva considera que um dos principais desafios da agência é o envelhecimento da população brasileira e os crescentes custos da saúde. Em sua opinião, se faz necessário mudar o modelo assistencial vigente para um formato que compreenda a gestão de saúde de forma integrada, e sustentável, que invista na promoção da saúde e na prevenção de doenças. Veja a seguir a entrevista na íntegra:

NOTÍCIAS SINDSEG SP - O senhor já vinha exercendo a função de diretor-presidente da ANS interinamente. O que muda com a sua efetivação?

LEANDRO FONSECA DA SILVA - Nada muda em termos de dedicação e empenho ao trabalho que já vinha sendo conduzido desde que fui nomeado para o cargo de diretor desta agência. Nesse sentido, continuarei atuando com seriedade e responsabilidade e pautado sempre pela defesa do interesse público, como deve ser a atuação dos agentes públicos. É importante lembrar, contudo, que as decisões da ANS são tomadas por um colegiado, não dependem

unicamente do diretor-presidente. Nesse sentido, durante minha interinidade, a agência vinha funcionando normalmente dentro de sua competência e no cumprimento de sua missão institucional.

NS - Quais serão os focos da atuação da agência sob o seu comando daqui por diante?

LEANDRO FONSECA DA SILVA - Acabamos de aprovar a agenda regulatória, instrumento que define as prioridades da Agência para o período 2019-2021. As ações estão organizadas de acordo com quatro eixos estratégicos: equilíbrio do setor, articulação institucional, fortalecimento da governança e aperfeiçoamento do ambiente regulatório. Segundo essa linha norteadora e dando continuidade ao trabalho que vem sendo realizado nos últimos anos, vamos seguir atuando fortemente para que o setor entregue cada vez mais valor em saúde aos beneficiários, com melhores resultados assistenciais e a um custo suportável para consumidores e contratantes. Para isso, seguiremos trabalhando na atualização e aprimoramento dos normativos que regulamentam o setor, adaptando o mercado às necessidades da população, e tendo como alicerces a transparência, o equilíbrio, a sustentabilidade e a proteção do beneficiário de plano de saúde. Temos importantes desafios a serem enfrentados, especialmente diante do envelhecimento populacional e dos crescentes custos da saúde. Nesse sentido, é premente a mudança do modelo assistencial vigente, fragmentado, para outro que se comprometa com a gestão de saúde de forma integrada, e sustentável, que invista na promoção da saúde e na prevenção de doenças. Outra frente importante de trabalho é a busca

por um maior engajamento das empresas contratantes de planos de saúde. Na medida em que 2/3 dos planos são benefícios concedidos pelas empresas, a demanda pode induzir mudança na oferta de serviços, fazendo com que as operadoras não sejam meras intermediárias financeiras, mas também gestoras de saúde de sua população de beneficiários. Além disso, nos dedicaremos ainda mais a ações voltadas à transparência, participação social e redução das assimetrias do setor.

NS - A ANS está passando por um processo de modernização regulatória. Que iniciativas o senhor destacaria dentro desse processo? Quais são os resultados esperados?

LEANDRO FONSECA DA SILVA - A agência atua, até onde lhe compete, para promover e incentivar melhorias capazes de garantir o acesso dos consumidores aos planos de saúde, para que os serviços ofertados pelas operadoras sejam cada vez mais qualificados e para que o mercado se mantenha em equilíbrio. A ANS também estimula as operadoras e os prestadores de serviços em saúde (médicos, clínicas, hospitais) a buscarem alternativas capazes de reduzir o desperdício e ampliar a eficiência, sem prejudicar a assistência ao beneficiário. Entre as iniciativas mais recentes que adotamos, é possível destacar: o incentivo às melhores práticas de gestão pelas operadoras, com publicação de norma que orienta sobre a adoção de práticas de governança corporativa; a promoção da concorrência



Silva: participação ativa na evolução regulatória do setor

cabe enfatizar o aumento da expectativa de vida da população, com consequente aumento de doenças crônicas, além da crescente incorporação de tecnologias cada vez mais caras, fatores que contribuem para o encarecimento da saúde.

NS - Como o senhor avalia a evolução do relacionamento da agência com as operadoras de saúde suplementar nos últimos anos?

LEANDRO FONSECA DA SILVA - O diálogo e o bom relacionamento – não apenas com as operadoras, mas com todos os entes que fazem parte desse mercado – é fundamental para o funcionamento do setor. Ciente disso, a ANS tem aprimorado e fortalecido os mecanismos de transparência e participação social por meio de grupos e câmaras técnicas, comitês, consultas e audiências públicas. Dessa forma, acreditamos estar, cada vez mais, qualificando e estreitando o relacionamento com o setor regulado e a sociedade.

NS - O senhor participa da diretoria da ANS há alguns anos. Quais foram, na sua opinião, as principais iniciativas adotadas pela agência visando o desenvolvimento do segmento de saúde suplementar?

LEANDRO FONSECA DA SILVA - Nos empenhamos para organizar e sistematizar dados e informações, aprimorar normas, promover o controle e a fiscalização do mercado e estabelecer garantias para os consumidores. Destacamos, em especial, decisões relevantes e normativas voltadas para a ampliação do acesso e da qualidade da assistência dos beneficiários de planos de saúde. Com transparência e participação social, finalizamos temas que envolveram anos de estudos e debates, aprimorando a regulação com viés pró-consumidor, entre eles: as novas regras para portabilidade de carências, a ampliação da participação social nas atualizações do Rol de Procedimentos, a nova metodologia de cálculo do reajuste dos planos individuais, a criação do selo de certificação para as operadoras que adotarem as melhores práticas em atenção primária à saúde, o estabelecimento de práticas de governança corporativa nas operadoras e as novas regras sobre garantias financeiras que as empresas do setor devem seguir.

através da ampliação das possibilidades do consumidor mudar de operadora sem ter de cumprir novos prazos de carências; a regulamentação da gestão de riscos que podem ser compartilhados entre as operadoras; a discussão de novas formas de remuneração que privilegiem a qualidade e combatam o desperdício no setor; a indução de mudança no modelo assistencial fragmentado para outro que se comprometa com a gestão de saúde de forma integrada e menos onerosa. É importante destacar ainda a implementação da nova metodologia de cálculo do reajuste dos planos individuais - o novo índice, que passa a vigorar este ano, se baseia na variação das despesas médicas das operadoras nos planos individuais e na inflação geral da economia. A forma de cálculo é mais eficiente e transparente, refletindo com maior exatidão os custos em saúde e contempla, entre seus componentes, o Fator de Ganhos de Eficiência (FGE), componente apurado a partir da variação das despesas assistenciais, transferindo para os consumidores a eficiência média do setor e evitando um modelo de repasse automático da variação de custos. Além disso, a ANS editou no fim do ano passado normativa que estabelece etapas e fluxos para a revisão periódica da cobertura mínima obrigatória dos planos de saúde. Além de ampliar a participação social, a norma aprimora as análises técnicas que subsidiam a decisão pela incorporação de novas tecnologias, garantindo mais segurança jurídica aos atos administrativos e dando mais previsibilidade a be-

neficiários, prestadores e operadoras. Com isso, espera-se garantir maior clareza aos atores do setor e ratificar compromissos da Agência na atualização do Rol, como a atenção aos custos provenientes e ao estabelecimento de rede assistencial, por parte das operadoras, que assegure acesso às novas coberturas; e incorporação adequada de novas tecnologias, de modo que sejam seguras, eficazes e efetivas.

NS - Como o senhor avalia o momento vivido atualmente pelo segmento de saúde suplementar?

LEANDRO FONSECA DA SILVA - Os últimos anos foram desafiadores para o país em função, principalmente, da conjuntura política e econômica, e o setor de saúde suplementar foi fortemente afetado por esse cenário. Contudo, após período de queda no número de beneficiários, o mercado tem voltado paulatinamente a se estabilizar. Atualmente, o setor conta com 43,1 milhões de beneficiários em planos de assistência médica e mais de 24,5 milhões em planos exclusivamente odontológicos. O Brasil ainda vive uma cultura fortemente voltada à utilização de especialistas para atender a maior parte das demandas e centralizada na atenção hospitalar. Este cenário é agravado por um sistema de saúde desarticulado, baseado no atendimento por busca espontânea do paciente, com múltiplas portas de entrada, com priorização dos serviços de urgência e emergência e uma baixa cultura de avaliação de resultados. Nesse contexto,

MOBILIDADE URBANA

São Paulo vai parar. São Paulo vai parar... São Paulo não parou! Quinze anos atrás, o cenário para o futuro da cidade era o caos. Com mais carros do que ruas, mais passageiros do que metrô, mais buracos do que asfalto e mais demagogia do que planejamento, a cidade tinha diante de si um quadro dramático, no qual acabaria parando.

Mas São Paulo não parou. Dentro de sua capacidade de encontrar soluções para os problemas insolúveis, São Paulo se valeu de sua criatividade para contornar os problemas de trânsito e continuar andando, ainda que a passo de tartaruga.

De falta de manutenção de obras de arte e equipamentos ao recalpeamento defeituoso das ruas e avenidas, a cidade é vítima de riscos que se transformam em sinistros quase que com a certeza da chegada das chuvas nos meses de verão.

Mas o oráculo catastrófico do fim da mobilidade urbana, tido como certo quinze anos atrás, não se materializou. Mais uma vez a pitonisa errou o vaticínio quanto ao futuro da metrópole e, para nossa sorte, continuamos indo e vindo pela imensa malha urbana que se estende, em permanente expansão, pelo Planalto de Piratininga.

Qual o segredo da cidade? A capacidade de encontrar soluções inéditas que, assim que adotadas, passam a contribuir para o bem comum.

Quer queiram, quer não, os corredores de ônibus construídos ao longo dos anos se mostraram uma ferramenta inteligente. A adoção de ônibus articulados, com mais capacidade de transporte de passageiros e mais conforto, também foi uma medida acertada. Da mesma forma que permitir que os táxis trafeguem pelos corredores de ônibus. E a adoção do transporte feito pelos veículos de aplicativos.

Além disso, a entrada em funcionamento do Rodoanel desafogou as marginais e outras avenidas importantes, retirando delas os caminhões

“A cidade vai mudar de cara. As seguradoras sabem disso. Cabe a elas apresentar as soluções para as novas necessidades de proteção social”

ANTONIO PENTEADO MENDONÇA



que, nos horários de pico, pioravam o que já era péssimo.

Há que se considerar a enorme contribuição do transporte em cima de trilhos. Metrô e trem urbano contribuem de forma sólida para evitar o caos nas ruas.

Até a crise econômica, ainda que por razões negativas, contribuiu positivamente para evitar o caos na mobilidade urbana da maior cidade do país. Em função dela, diminuiu o número de automóveis nas ruas.

Mas há outros fatores que ainda não são percebidos pela população como facilitadores da fluidez da mobilidade massiva da população. As bicicletas e, mais recentemente, os patinetes elétricos não são brinquedos divertidos que as pessoas usam para se distrair e diminuir o stress.

São antes veículos importantes para permitir que a população se mova de um lado para outro, utilizando as soluções mais indicadas para cada trecho de sua movimentação. As bicicletas e os patinetes são veículos ideais para os

percursos mais curtos na partida e na chegada de cada viagem.

São pensados para serem usados entre a residência e a estação de metrô ou de trem ou do ponto de ônibus para o trabalho e vice-versa. Servem também para viagens entre dois pontos relativamente próximos durante a jornada de trabalho.

E bicicletas e patinetes, pelo próprio tamanho, têm o dom de esvaziarem as ruas. Elas ocupam muito menos espaço do que carros e ônibus, além do que podem utilizar espaços alternativos durante sua locomoção. E não são poluidores.

No futuro, a mobilidade urbana deve ser alvo de novos movimentos importantes para a sua manutenção. A propriedade de um automóvel deixou de ser questão de status. O uso dos automóveis deixou de ser prioridade. O transporte público ou compartilhado é a bola da vez.

A cidade vai mudar de cara. As seguradoras sabem disso. Cabe a elas apresentar as soluções para as novas necessidades de proteção social.